



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

Mestrando: António José Lavrador Alves nº 20083217

Coordenador: Prof. Dr. Rui Gomes

Orientadora: Dr^a. Elsa Silva

Co-orientador: Dr. Bruno Almeida

Junho 2010



O presente relatório é apresentado à Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, para cumprir os requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, tendo-se realizado o estágio pedagógico sob a orientação científica da Dr^a. Elsa Silva e co-orientação do Dr. Bruno Almeida, no Colégio Dinis de Melo, em Amor – Leiria.



RESUMO

O estágio pedagógico proposto pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF) tem como função a profissionalização de novos docentes de Educação Física através de uma prática profissional autónoma supervisionada. Este estágio contempla um conjunto de tarefas supervisionadas, que orientam a organização e estruturação do processo de prática autónoma.

Neste relatório, será feita uma profunda reflexão de todo o caminho percorrido desde o início até ao final do ano lectivo. De forma concisa, sucinta e objectiva, pretende-se descrever os aspectos fundamentais inerentes ao estágio, nomeadamente, a concretização dos objectivos, os problemas verificados e as estratégias utilizadas para os ultrapassar, bem como os aspectos positivos e negativos que o constituíram. Deste documento consta também uma reflexão que engloba todo o trabalho individual e de grupo desenvolvido ao longo do ano lectivo, uma perspectiva pessoal do estágio e um compromisso para o futuro, com o propósito de continuar a melhorar a prática pedagógica.



RÉSUMÉ

Le stage pédagogique proposé par la Faculté de Sciences et de Sport et Éducation Physique de l'Université de Coimbra (FCDEF) a comme but la formation professionnelle de nouveaux professeurs d'Éducation Physique à travers la pratique professionnelle autonome et supervisée. Ce stage comprend un ensemble de tâches supervisées qui guident l'organisation et la structuration de la pratique professionnelle autonome contrôlée.

Dans ce rapport, on fera une profonde réflexion sur tout le chemin parcouru dès le début, jusqu'à la fin de l'année scolaire. On se propose de faire, de façon concise, succincte et objective, une description des aspects fondamentaux qui concernent le stage, notamment, la concrétisation des objectifs visés, les problèmes vérifiés et les stratégies utilisées pour les résoudre, ainsi que les aspects positifs et négatifs qui le composent. Ce document comprend aussi une réflexion qui englobe tout le travail individuel et du groupe développé au long de l'année scolaire, une perspective personnelle du stage et un compromis pour le futur, dans le propos d'améliorer la pratique pédagogique.



Índice

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO.....	2
3 - DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	3
3.1 - INTERVENIENTES.....	3
3.2 - PLANEAMENTO	5
3.2.1 - Plano anual.....	5
3.2.2 - Protocolo de Avaliação Inicial.....	6
3.2.3 - Unidades Didácticas.....	7
3.2.4 - Plano por período.....	8
3.2.5 - Planos de aula	9
3.2.5.1 - Estratégias de Ensino Presentes no Plano de Aula.....	10
3.3 - REALIZAÇÃO	18
3.3.1 - Intervenção pedagógica	19
3.3.1.1 - Instrução.....	19
3.3.1.2 - Gestão	22
3.3.1.3 - Clima e disciplina	22
3.4 - AVALIAÇÃO	24
3.5 - COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	25
4 - JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS	27
5 - CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS.....	28
6 - AVALIAÇÃO DE PROCESSOS E PRODUTOS.....	29
7 – RELAÇÃO FORMAÇÃO INICIAL / APRENDIZAGENS REALIZADAS.....	31
8 - COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	33
9 - IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO	35
10 - CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE	36



11 - DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO.....	37
12 - DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO	38
13 - INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	38
14 - IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR	39
15 - QUESTÕES DILEMÁTICAS.....	40
16 - NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA.....	41
17 - EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL DO ANO DE ESTÁGIO	42
18 - CONCLUSÃO	44
19 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45



1 - Introdução

Este relatório pretende ser o relato reflexivo do estágio pedagógico proposto pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF). Este estágio tem como função a profissionalização de novos docentes de Educação Física, através de um processo de prática profissional autónoma supervisionada. Será feita uma profunda reflexão de todo o caminho percorrido desde o início até ao final do ano lectivo. O estágio contempla um conjunto de tarefas supervisionadas, que orientam a organização e estruturação do processo de prática autónoma.

De forma concisa, sucinta e objectiva, pretendo descrever os aspectos fundamentais inerentes ao processo em causa, em particular, no que respeita à concretização dos objectivos, aos problemas verificados, às estratégias utilizadas para os ultrapassar e aos aspectos positivos e negativos que o constituíram. Serão referidas algumas resoluções para o futuro, no sentido de continuar todo um trabalho de auto-reflexão, com o intuito de melhorar a prática pedagógica, pois a profissão de professor está em constante evolução, exigindo mudanças e actualizações, quer em termos científicos, profissionais ou mesmo atitudinais.

Antes de iniciar o estágio, foi imprescindível formular um conjunto de objectivos para este ano lectivo. Os objectivos que pretendia atingir, de acordo com todos os conhecimentos que adquiri nos dois primeiros semestres deste mestrado, com a minha formação inicial na área da Educação Física e com a experiência que já tinha enquanto professor de Educação Física, permitiram-me encarar esta formação com alguma tranquilidade, não obstante a vontade que tinha de melhorar a qualidade da minha leccionação.



2 - Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio

No final do segundo semestre, foi-nos pedido que elaborássemos um Plano Individual de Formação (PIF). Neste plano, as minhas expectativas como aluno de mestrado e como professor eram vir a melhorar o meu desempenho enquanto docente de Educação Física, pois considero que qualquer actividade pedagógica supervisionada tem a vantagem de, ao sermos observados, recebermos *feedbacks* relativos ao nosso desempenho e, conseqüentemente, podermos discutir, ponderar, reflectir e melhorar a nossa intervenção pedagógica.

No início deste ano lectivo, as minhas expectativas eram bastante elevadas, tendo em conta a experiência de trabalho que possuía. Tinha plena consciência de que queria melhorar e desenvolver as destrezas e técnicas de ensino, as competências e as atitudes fundamentais ao exercício da docência em Educação Física.

Encarar este estágio como um desafio, foi fundamental para me sentir motivado a dar o melhor de mim. Encarei esta experiência como se da primeira se tratasse, procurando investigar e encontrar soluções para situações de aprendizagem inovadoras e estimulantes, diferentes das que conhecia.

Procurei usufruir ao máximo daquilo que havia aprendido até aqui, de forma produtiva e exequível, e voltei a aperceber-me de que a teoria nunca se aplica da mesma forma. É fundamental ser audaz, procurar ser criativo e possuir capacidade de adaptação.

Neste espírito, vi-me rodeado de um conjunto de responsabilidades que foi necessário assumir, implicando investigação e pesquisa, capacidade de análise, reflexão, integração de conhecimentos teóricos e práticos e, ao mesmo tempo, uma elevada capacidade de inter-relação no trabalho.

Desta forma, tive como propósito chegar ao fim do ano lectivo com conceitos e novas aprendizagens consolidadas acerca das competências que acima referi, uma vez que se trata de variáveis que envolvem a actividade de



professor e que, seguramente, condicionam a obtenção do êxito no processo de ensino/aprendizagem, que, nos nossos dias, é cada vez mais exigente.

Foi sem dúvida, com um grande optimismo e segurança, que encarei o estágio, embora o tivesse feito com muita responsabilidade e entrega também.

3 - Descrição das actividades desenvolvidas

3.1 - *Intervenientes*

Antes de iniciar a descrição das actividades desenvolvidas, penso ser importante nomear todos os intervenientes.

O núcleo de estágio foi criado depois de uma proposta feita por futuros alunos estagiários e pelo Colégio Dinis de Melo, à FCDEF. A mesma foi aceite, visto a referida proposta cumprir todas as exigências. De seguida, procedeu-se à elaboração do protocolo entre o Colégio e a Faculdade.

O grupo de estagiários foi constituído por quatro elementos: eu, António Alves, Carlos Afonso, Jorge Martinho e Nuno Carvalho. Já nos conhecíamos bem e trabalhar em grupo não foi novidade para nós, visto sermos todos professores no mesmo estabelecimento de ensino há alguns anos.

Começámos a desenvolver este projecto no início de Setembro. O grupo demonstrou sempre disponibilidade para partilhar ideias, pontos de vista e opiniões. Houve sempre liberdade e flexibilidade para que cada um expusesse ao grupo os seus pareceres relativos a certas tomadas de decisão.

Todo trabalho desenvolvido sofreu sempre um processo de discussão e argumentação com um objectivo comum de fazer um bom trabalho. Por sermos todos pessoas já experientes na área e com alguma maturidade, foi uma mais valia para todo este projecto.



Apesar de cada um de nós valorizar uma ou outra questão, e de termos pontos de vista diferentes sobre determinados temas, o sucesso do nosso grupo de estágio partiu de um trabalho flexível, rigoroso, responsável e competente.

A orientação deste estágio esteve a cargo da Dra. Elsa Silva, como orientadora da Faculdade, e o Dr. Bruno Almeida, como orientador de escola.

Quero salientar o apoio incansável do orientador do núcleo de estágio, o qual foi um suporte fundamental para a melhoria da minha prática lectiva. Esteve sempre presente dando dicas, fazendo sugestões (tanto ao nível do planeamento como da prática pedagógica), dando *feedbacks* construtivos no final das aulas e no balanço semanal durante as reuniões de núcleo de estágio.

O Departamento de Educação Física do Colégio Dinis de Melo esteve sempre disponível para ajudar e participar em tudo o que fosse necessário, principalmente nos Projectos de Parcerias Educativas.

A restante comunidade educativa e, em particular, o Sr. Director Pedagógico, Dr. Fernando Cruz, demonstraram-se sempre disponíveis para nos apoiarem em tudo o que necessitássemos.

A turma, que me foi atribuída para estagiar foi o oitavo A. Esta era, no início do ano, constituída por vinte e dois alunos, doze raparigas e dez rapazes, com idades compreendidas entre os doze e os catorze anos, sendo a média de idades de treze anos. No final do primeiro período, a aluna Tatiana Duarte foi transferida para outra escola. Os alunos são oriundos de localidades próximas do Colégio. No ano lectivo anterior, integraram a turma A do sétimo ano, com excepção do aluno número nove, Gonçalo Manuel Moreiras, proveniente da turma B do oitavo ano.

A apresentação à turma foi feita pelo professor Bruno Almeida. Desde o início a turma, no geral, demonstrou ser disciplinada e empenhada. Ao princípio, houve dois ou três alunos que evidenciaram comportamentos desvio



tentando pôr à prova a minha autoridade enquanto professor. Contudo, perceberam rapidamente, que era eu que liderava o funcionamento da aula, sem nunca ter sido necessário tomar medidas menos agradáveis no que diz respeito à disciplina, mantendo-se sempre um bom clima de aula.

A implementação de regras de funcionamento como, definição de locais apropriados para instrução, estabelecimento de sinais de atenção, de reunião ou de rotação, por exemplo, contribuíram igualmente para o bom funcionamento das aulas.

3.2 - Planeamento

3.2.1 - Plano anual

As primeiras tarefas de planeamento executadas foram a elaboração do plano anual e protocolo de avaliação inicial. Estas tarefas foram executadas pelo grupo de estagiários.

O plano Anual pretendia ser um instrumento que servisse de suporte ao professor estagiário, que o orientasse e fizesse a ligação entre todos factores envolvidos no processo ensino/aprendizagem.

Este plano previa dois momentos distintos:

- O primeiro, mais geral, dizia respeito a todas as turmas e foi elaborado em grupo descrevendo: a localização do colégio, o meio envolvente, as instalações, o equipamento e a comunidade educativa.
- O segundo, mais específico, elaborado individualmente por cada professor estagiário, dizia respeito à turma atribuída. Este documento tinha como função fazer a caracterização pormenorizada dos alunos, conhecer as características do meio envolvente e da escola, a fim de conhecer os hábitos e costumes dos alunos visando uma melhor interacção professor/aluno.



Depois desta tarefa cumprida, fiz a avaliação inicial para definir em que nível se encontravam os alunos e assim poder definir as estratégias de ensino a utilizar na turma. Isto permitiu-me uma melhor adequação das matérias a serem leccionadas ao longo do ano lectivo.

Durante o processo de ensino/aprendizagem, em todas as aulas, procedi a uma avaliação formativa (como previsto no Despacho Normativo nº1/2005), reguladora do mesmo, possibilitando os reajustamentos necessários às capacidades de aprendizagem de cada aluno.

Outra tarefa, imprescindível, e que consta do Plano Anual, é a distribuição das matérias ao longo do ano lectivo. Esta calendarização foi realizada depois de se conhecerem os horários dos professores e de ser feita, em reunião de Departamento, a rotação de espaços. Depois de se saber o número de aulas que cada turma ia ter em cada espaço e o nível em que se encontravam os alunos nas diferentes matérias, repartiram-se o número de aulas pelas diferentes Unidades Didácticas. No entanto, esta distribuição não foi inflexível e permitia possíveis alterações, devido às condições atmosféricas ou aos resultados da avaliação formativa, por exemplo.

3.2.2 - Protocolo de Avaliação Inicial

Como já foi referido anteriormente, este documento foi também elaborado em conjunto por todos os elementos do núcleo de estágio e constituiu a primeira tarefa de planeamento a ser concluída.

Para elaborar o referido protocolo, adoptámos os seguintes procedimentos:

- revisão bibliográfica (programas de Educação Física, conteúdos programáticos definidos pelo grupo de Educação Física e pela Faculdade, planos de avaliação inicial desenvolvidos por outros grupos de estágio, inventários de material existente e livros técnicos das várias unidades temáticas);



- selecção das unidades didácticas a avaliar ;
- definição e construção dos diferentes protocolos de avaliação (domínio psicomotor, cognitivo e sócio- afectivo).

Esta avaliação foi aplicada nas primeiras aulas do primeiro período, tendo como baliza orientadora os objectivos definidos nos programas oficiais para os respectivos anos de escolaridade, nas várias matérias a leccionar.

3.2.3 - Unidades Didácticas

Tendo em consideração o plano anual e as estruturas espaciais e materiais do colégio, procedemos à planificação e elaboração das Unidades Didácticas, estruturas que nos iriam servir como um documento orientador da prática pedagógica ao longo de todo o ano. Estas unidades didácticas foram todas realizadas em parceria.

No início, a elaboração destas unidades didácticas, mesmo com recurso a outras de núcleos de estágio de anos anteriores, revelou-se uma tarefa bastante morosa, pois aquelas englobam um leque bastante alargado de aspectos. Grande parte da informação tinha de ser adaptada à nossa realidade local e às características de cada turma. Esta foi, sem dúvida, a tarefa mais morosa que tivemos de realizar durante todo o estágio. Quando terminámos a elaboração das unidades didácticas, sentimos um grande alívio e satisfação pela preciosa informação que compilámos e que facilitou imenso a nossa planificação das aulas.

A nossa formação em termos didácticos, apesar de ter tido uma vertente mais teórica do que prática, orientou-nos para a correcta elaboração deste tipo de documentos.

Em cada documento, unidade didáctica (UD), apresentou-se um breve enquadramento histórico, regulamentar, técnico e técnico-táctico de cada matéria. Foram definidos objectivos em três níveis: psicomotor, sócio afectivo e cognitivo. A organização das UD, assentaram numa estrutura dinâmica, com o



objectivo de cumprir determinadas situações motoras. No entanto, na sua elaboração teve-se em conta os seguintes factores:

- 1º- os objectivos da disciplina;
- 2º- o número de tempos lectivos para cada modalidade;
- 3º - o número de alunos por turma e o seu nível inicial em cada modalidade;
- 4º - rotatividade de espaços definido pelo departamento;
- 5º - material desportivo disponível.

A fase de estruturação da avaliação e definição dos critérios foi, na minha opinião, a mais difícil, pois sabíamos que a escolha de critérios poderia influenciar a determinação da nota do aluno.

Procedi então à elaboração das matrizes de conteúdos e criei as progressões de ensino, no sentido de atingir os objectivos propostos.

A meu ver, as unidades didácticas ficaram bastante completas e de fácil compreensão, facilitando o planeamento das aulas, uma vez que todos os aspectos a serem referidos no plano de aula se encontravam contemplados neste documento de apoio, nomeadamente: conteúdos a abordar e respectivas progressões de ensino; componentes críticas essenciais à execução técnica e táctica; objectivos de cada exercício; recursos materiais e espaciais necessários; função didáctica.

3.2.4 - Plano por período

O plano de período foi elaborado depois do plano anual. Quando terminei o balanço da avaliação inicial, sabendo o número de aulas previstas para a turma, em cada período, e conhecendo o quadro de rotação de espaços, fiz a distribuição das unidades didácticas pelos respectivos períodos.



O plano de período continha as competências essenciais das modalidades a leccionar nesse período, as matrizes de conteúdos e uma referência aos recursos, avaliação, estratégias e metodologias.

3.2.5 - Planos de aula

Relativamente à estrutura do modelo de plano de aula, este foi elaborado em reunião de núcleo de estágio, uma vez que ficou definido, com o professor orientador, que os modelos a utilizar pelos estagiários seriam idênticos, podendo ter pequenas alterações de forma desde que mantivessem os mesmos elementos nucleares e de identificação.

Ao longo do primeiro período, o modelo foi sofrendo algumas alterações e ajustes de acordo com a funcionalidade e as necessidades do núcleo de estágio.

Em minha opinião, os planos de aula devem ser um documento simples, preciso, onde estão incluídos todos os aspectos fundamentais inerentes a cada aula e devem possibilitar uma rápida consulta e compreensão, de forma a poderem ser facilmente aplicados por qualquer outro docente de Educação Física.

No início do ano lectivo, a minha principal dificuldade prendeu-se com a selecção dos objectivos. Por vezes tornei-me um pouco ambicioso e seleccionei objectivos em demasia. Em reunião de núcleo de estágio, mediante a ajuda do orientador de escola e através do debate com os colegas, fui definindo, mais claramente, as componentes críticas e os comportamentos que pretendia observar e que fossem exequíveis para o aluno naquela aula. Esta situação ficou igualmente clarificada depois da observação da Professora orientadora da Faculdade, que referiu a necessidade de especificar melhor os critérios de êxito a colocar em cada plano de aula.

Depois de ultrapassados pequenos pormenores de execução, penso que os meus planos de aula estavam coerentes e articulados com a U.D., explicitando as aprendizagens a promover e o modo de realizá-las. As



estratégias de ensino planeadas eram as correctas e congruentes com a respectiva U.D.. Apesar de não ter ocorrido muitas vezes, sempre que foi necessário realizar adaptações, nunca evidenciei problemas em fazê-lo. Na elaboração do plano de aula tive sempre em conta o tempo disponível e o espaço estando o referido plano em consonância com a extensão e sequência de conteúdos. O plano de aula teve também em conta o nível do aluno, o seu desempenho e a sua evolução ao longo da abordagem da U.D.. Em termos de correcção, as diversas informações contidas no plano estavam adequadas, do ponto de vista metodológico e pedagógico.

Mediante a organização prévia de recursos materiais e das aprendizagens, os planos de aula por mim realizados permitiram-me maximizar o tempo disponível para a aprendizagem.

Sempre que possível privilegiei as formas jogadas visto serem mais motivantes para os alunos. Utilizei, igualmente, algumas aulas politemáticas, por considerar que estas têm a vantagem de poder abordar, numa mesma aula, o mesmo conteúdo em modalidades diferentes. No entanto, devido à experiência positiva que tive nestas aulas, penso no futuro utilizar ainda mais esta estratégia.

3.2.5.1 - Estratégias de Ensino Presentes no Plano de Aula

Considerando o Plano de Aula como a unidade básica do planeamento, passo agora a referir, analisar e reflectir acerca das estratégias de ensino utilizadas nos mesmos. Saliento desde já que privilegiei o ensino das modalidades colectivas através de formas jogadas semelhantes à realidade do jogo, limitando os exercícios analíticos. Como diz Matos (Matos, Rui 2006) “È preciso não esquecer que depois, no jogo, os tinos mexem”.

Iniciarei a minha análise pelos desportos colectivos seguindo a cronologia da sua abordagem, no entanto, por vezes, farei algumas comparações entre modalidades que foram leccionadas em períodos diferentes, passando de seguida para os de carácter individual.



Depois de concluída a avaliação inicial, e feita a reflexão acerca dos resultados das diferentes modalidades, verifiquei que relativamente aos desportos colectivos, no geral, as maiores dificuldades dos alunos se prendiam com aspectos tácticos, nomeadamente, com as movimentações ofensivas e defensivas. No voleibol, associado a estas dificuldades estava também a parte técnica.

No basquetebol a desmarcação e o lançamento na passada (exercícios em que a maioria dos alunos da turma apresentaram dificuldades na avaliação inicial), foram os conteúdos mais importantes a desenvolver, sem detrimento de outros aspectos que foram trabalhados no aquecimento através de jogos pré-desportivos condicionados, ou mesmo, de exercícios individuais e a pares, de drible, passe/recepção, passe e corte e lançamento na passada.

No lançamento na passada, utilizei o estilo de ensino “Avaliação Recíproca”, referido por Musska Mosston e Sara Ashworth (Mosston e Ashworth, 1985)¹, segundo os quais deverão ser fornecidos os critérios de êxito aos alunos e enquanto um executa, o outro observa e dá *feedbacks* imediatos aos colegas. Assim, o aluno executante fica automaticamente a saber como foi a sua execução, podendo melhorá-la na repetição seguinte. Este estilo de ensino promove também a cooperação. Foi extremamente positiva a utilização deste estilo, tendo-o utilizado noutras situações como referirei mais à frente neste relatório.

Nas aulas apliquei situações de jogo 3x3 em meio campo. Os alunos de nível introdutório iam trabalhando passe, corte e desmarcação em exercício/jogo primeiro 2x1, 3x2 chegando finalmente ao 3x3. Aos alunos de nível elementar, para além desta estratégia, foram propostas tarefas de passe/corte e reposição ofensiva, oferecendo nova linha de passe. Esta abordagem foi aplicada de forma evolutiva, começando com 3x0, para o 3x1, 3x2 e finalmente em 3x3. Posteriormente, apliquei o jogo 3x3 a campo inteiro

¹ MOSSTON, M. e ASHWORTH, S., (1985). *Horizonte*, vol II, nº1, pp 23-32.



focando o aspecto do contra-ataque. Aqui, utilizei o jogo holandês para criar o hábito nos alunos de partirem rapidamente para o ataque rápido ou contra-ataque.

Relativamente à modalidade de voleibol, após o diagnóstico do nível inicial da turma nesta modalidade, verifiquei que a turma era muito heterogénea e vi-me forçado a aplicar estratégias diferentes consoante o nível de cada aluno. Foram exercitadas as técnicas de passe por cima, manchete e serviço, individualmente, e a pares. Foi ainda exercitado, pelo grupo de alunos de nível elementar e avançado, o exercício de ataque à rede após passe do passador. O objectivo era a exercitação, em jogo, da recepção após o serviço, colocando a bola no passador e finalizando ao terceiro toque em passe colocado.

Para os alunos de nível introdutório, foram desenvolvidas e exercitadas situações de jogo 1x1, 2x2 e 3x3, onde o objectivo principal era colocar a bola alta e jogável após a recepção ao serviço. Em situação de 2x2, o serviço era executado com o gesto técnico de passe para o campo adversário, permitindo assim uma recepção mais eficaz. Mesmo assim, duas alunas, não conseguiram acompanhar o jogo dos colegas, havendo a necessidade de as colocar em situação de 1x1, com e sem rede, fazendo mais trabalho técnico individual e a pares.

O maior problema e, de certa forma comum a todos os alunos, com maior incidência nos de nível introdutório, foi a dificuldade em se deslocarem antecipadamente para a zona de queda da bola e optarem pelo gesto técnico mais adequado.

Para os alunos do nível elementar e avançado, que eram poucos, foram criadas situações de jogo 3x3 e 4x4, com a rede alta a fim de que a bola fosse enviada numa trajectória alta para o campo adversário. Esta estratégia visava proporcionar mais tempo ao aluno, antecipando o deslocamento em direcção ao ponto de queda da bola, dando assim continuidade à jogada. Era condicionante para estes alunos, a obrigatoriedade de, em cada jogada, a equipa fazer pelo menos dois toques e, preferencialmente, três com o passador



a dar o segundo toque e tentar colocar a bola para o terceiro toque, caso a bola fosse dirigida para ele. Em alternativa, poderia atacar ao segundo toque, se a bola fosse directamente para um atacante. Desta forma, a aplicação do 4x4 tornou-se muito útil para trabalhar a organização colectiva e o ataque no grupo de alunos do nível elementar e avançado.

Relativamente ao futsal e ao andebol, depois da avaliação inicial, verifiquei que a turma apresentava dificuldades idênticas ao nível da desmarcação e também do remate. Então, decidi leccionar estas duas modalidades, no mesmo período lectivo, para poder trabalhar os mesmos conteúdos em paralelo e, quando possível, em aulas politemáticas. Assim, além de outros aspectos que foram trabalhados, tal como o passe, a recepção e a finalização, a desmarcação com bola, sem bola e em transição defesa/ataque, foi o principal objectivo de aula.

Depois das dificuldades constatadas ao nível da desmarcação, o aquecimento, além de conter o trabalho de condição física (nas aulas de 90 minutos), continha também a realização de jogos pré-desportivos condicionados, onde a desmarcação era uma constante (jogo dos passes e caçador por equipas). Além disso, utilizei situações de exercício que incluíram a desmarcação como uma acção obrigatória e determinante para o objectivo que se pretendia alcançar, ou seja, o aperfeiçoamento da desmarcação. Outra estratégia foi limitar o drible no jogo de Andebol criando obrigação de maior movimentação sem bola, desmarcando-se na procura de uma linha de passe.

No futsal e no andebol, foram exploradas situações de jogo reduzido. Por um lado, em campo inteiro por forma a exercitar a transição defesa/ataque através da desmarcação ou progressão em condução de bola, no futsal, ou em drible, no andebol, e por outro lado em situações de meio campo, explorando, mais uma vez, a desmarcação.

Relativamente ao trabalho do contra-ataque, foram criadas algumas situações semelhantes nas aulas de andebol, futsal e basquetebol, com o objectivo de fazer transferes de umas modalidades para as outras. Assim,



foram trabalhadas situações de superioridade numérica de 2x1 e 3x2, em campo inteiro. A presença constante de defesas obrigava os alunos a passar a bola entre si, com desmarcações no sentido do objectivo de jogo para receber a bola em condições de finalização, ou progredindo com a bola, no caso de ter espaço à sua frente. Os exercícios eram executados por vagas, aumentando o grau de dificuldade, mas sempre com superioridade numérica do ataque. Estas situações de inferioridade numérica na defesa, tinham também o objectivo de responsabilizar mais os defesas pelas suas funções, aumentando o espírito de entreaajuda.

Outra estratégia utilizada nas aulas de andebol e futsal, e que já tinha sido utilizada no basquetebol, foi o jogo holandês. Este jogo facilita a rápida transição defesa ataque e aumenta o ritmo e velocidade do jogo.

As situações de jogo 5x5, tanto no futsal como no andebol, foram uma prioridade nas aulas. Dentro de cada grupo de nível, os alunos aplicavam as situações de defesa e contra-ataque exercitadas em jogo reduzido ou jogos adaptados. e consolidavam os objectivos já abordados em etapas anteriores. Destaca-se aqui a importância dos *feedbacks* e do questionamento, que procurei que fossem sempre direccionados para os objectivos da aula.

Considero que as paragens de jogo são extremamente importantes para resolver situações pontuais de movimentação táctica. Assim, sempre que necessário optei por realizá-las, fazendo correcções e questionando o aluno sobre a decisão mais correcta, pretendendo com isto ensiná-lo a ler o jogo, a ver todas as possibilidades existentes e a optar pela mais correcta com vista ao sucesso da equipa.

No andebol, nas últimas aulas com os alunos que estavam no nível avançado e intermédio, foi possível realizar, com algum êxito, o jogo formal 7x7.

Em síntese, verifiquei que a utilização de exercícios com grau de complexidade correcto para o desenvolvimento motor dos alunos e a



adaptação dos objectivos às suas dificuldades, fizeram com que, no geral, os alunos conseguissem atingir os objectivos propostos, desenvolvendo capacidades muito interessantes no que respeita ao jogo em si e no que se refere aos seus princípios.

No planeamento das aulas das modalidades colectivas, privilegiei a utilização de grupos heterogéneos. Constatei que os alunos menos aptos mostravam melhorias através do contacto com os alunos mais aptos. Contudo, utilizei também grupos homogéneos (principalmente no voleibol), motivando os alunos a superarem as suas dificuldades.

Relativamente à modalidade de atletismo, foram abordadas as disciplinas de salto em comprimento, salto em altura, corrida de estafetas, corrida de barreiras e lançamento do peso. A corrida de velocidade (40 metros) e a corrida de resistência (1000 metros) foram apenas utilizadas para fazer o apuramento da fase escola do projecto dos “Megas”.

Em todas as aulas de atletismo utilizei o trabalho por estações, aproveitando para dar sempre mais do que uma disciplina. Deste modo, consegui que os alunos fizessem mais aulas de cada disciplina, ampliassem o seu tempo de tarefa e variassem os exercícios a realizar, aumentando o empenho e a motivação.

Como esta turma tinha alguns alunos que praticam atletismo federado e que têm uma execução técnica muito boa, aliada a um grande espírito de camaradagem, utilizei a estratégia de tutoria: estes alunos eram distribuídos pelos diferentes grupos, nos quais, realizavam os exercícios ajudando os colegas com mais dificuldades quando eu estava noutra estação. Esta estratégia foi muito positiva porque os alunos melhoraram muito a sua técnica, graças a um maior número de repetições com *feedback* imediato.

No salto em comprimento, foram trabalhadas, as quatro fases desta disciplina. Comecei por dar mais atenção às duas primeiras fases do salto,



corrida de balanço e chamada, depois a terceira e quarta fase do salto, voo e recepção ao solo, e por fim, a execução do salto completo.

Relativamente ao salto em altura, foi feita a abordagem à técnica de *Fosbury Flop*. Como era uma técnica nova para os alunos, e com um elevado grau de complexidade, na primeira aula, para além de estarem divididos por estações (a outra metade da turma encontrava-se a jogar *tag-rugby*), utilizei um conjunto de progressões pedagógicas com uma sequência lógica e aumento de grau de dificuldade: 1º - transposição dorsal correcta e salto sem elástico para um colchão de queda, a fim de ganhar referências espaço temporais; 2º – realização, numa primeira fase, de saída do chão para alturas diferentes de queda, feita com mais de um colchão, a fim de treinar impulsão e transposição. Numa segunda fase, realização de salto com saída de cima da cabeça do plinto, a fim de treinar fase de voo e recepção; 3º - recepção queda no colchão, após pequena corrida de balanço, a fim de aperfeiçoar a recepção. Depois de repetirem várias vezes estas progressões, a maioria dos alunos estava preparado para começar a treinar o salto com uma pequena corrida de balanço. Então, marquei a trajetória de corrida de balanço e, com mais ou menos seis passos de chamada, executaram o salto. Nesta fase, utilizei outro estilo de ensino, que é o “estilo inclusivo” onde, segundo, Musska Mosston e Sara Ashworth (Mosston e Ashworth)², são proporcionadas aos alunos, dentro da mesma tarefa, opções individualizadas. Para que isso acontecesse, coloquei o elástico (a fazer de fasquia) na diagonal, mais alto de um lado do que do outro. Assim, os alunos optavam por saltar na altura em que achavam que iam ter sucesso, podendo de seguida tentar saltar mais alto.

Relativamente à disciplina de barreiras, as maiores dificuldades apresentadas inicialmente, até porque era novidade para alguns alunos da turma, foi a extensão da perna de ataque, seguido da movimentação rápida, na procura do solo. Para ultrapassar estas dificuldades, foram feitas progressões

² MOSSTON, M. e ASHWORTH, S., (1985). *Horizonte*, vol II, nº1, pp 23-32



pedagógicas tais como: multi-saltos; corrida sobre obstáculos baixos; corrida com saltos intercalados. Com a execução destes exercícios, o movimento foi ficando apreendido e a execução do gesto técnico melhorou.

No que diz respeito à técnica de lançamento do peso, as maiores dificuldades apresentadas inicialmente pelos alunos foram o deslocamento rápido para trás e manter o peso junto ao pescoço até à fase de arremesso. A pega do peso, o ângulo de saída e a extensão completa do braço foram as partes em que os alunos demonstraram menos dificuldades. No final da unidade, mesmo depois de terem sido feitas muitas repetições com *feedbacks* referentes aos erros de execução, alguns alunos não conseguiram corrigir o afastamento do peso do pescoço antes do arremesso.

Depois de abordada a técnica de corrida de velocidade, com transfer para a o salto em comprimento - corrida de balanço - dei também importância à partida em pé e à passagem rápida pela meta. Passei depois para a corrida de estafetas, onde a maioria dos alunos, no início do ano, se encontravam no nível elementar. A estratégia principal que utilizei, na fase inicial, foi a divisão da turma em pequenos grupos para assim poderem praticar muitas vezes a técnica descendente de passagem e recepção do testemunho, que estava a ser abordada pela primeira vez. Depois de treinarem a técnica a passo, foi pedido que tentassem executar a técnica de forma cada vez mais rápida. No final, foram feitas corridas em equipas de quatro elementos com competição. Esta estratégia revelou-se eficaz, visto que a maioria dos alunos conseguiu fazer a passagem do testemunho a uma velocidade aceitável.

Relativamente à ginástica farei a abordagem dividindo a análise em ginástica de solo e de aparelhos. No entanto, em todas as aulas, a estratégia de organização das mesmas foi a de trabalho por estações.

Na ginástica de solo, no início do ano lectivo, verificava-se que, à excepção do rolamento engrupado à frente, os alunos estavam no nível introdutório. Para recuperar o desempenho da maioria deles, no rolamento engrupado atrás, pino e roda, foram criadas progressões pedagógicas incluídas



nas diferentes estações de trabalho, em todas as aulas de ginástica. Pretendia-se desta forma que os alunos conseguissem melhorar o seu desempenho. Ainda assim, o resultado da avaliação sumativa não foi completamente positivo devido à falta de bases dos alunos. No próximo ano lectivo, esta turma terá de ter mais aulas de ginástica de solo para poder recuperar as lacunas evidenciadas por alguns alunos. Outra sugestão que lhes foi dada, e transmitida à Directora de Turma, foi a possibilidade de, no próximo ano, estes alunos frequentarem o clube de ginástica do Desporto Escolar.

Quanto à Ginástica de aparelhos, depois da avaliação inicial, verificava-se que a maioria dos alunos estava no nível elementar. Excepção feita ao salto em extensão no mini-trampolim, onde a maioria dos alunos se encontrava no nível avançado. Para os alunos que estavam no nível introdutório, foram criadas progressões a fim de que conseguissem alcançar as competências específicas definidas para este ano.

Na ginástica de aparelhos a evolução dos alunos foi mais notória. Relativamente ao salto entre mãos, inicialmente, a maioria dos alunos estava com receio. Decidi, portanto, fazer uma progressão no boque para facilitar a passagem das pernas e para que os alunos vissem para onde estavam a saltar. Quando voltaram ao plinto, praticamente todos os alunos realizaram com sucesso o exercício. Nos restantes elementos gímnicos de aparelhos, a grande maioria dos alunos não demonstrou dificuldades em executá-los.

3.3 - Realização

O desenvolvimento da competência de condução de ensino deu-se ao longo de todo o ano lectivo, em consonância com critérios de qualidade referenciados na literatura científica e pedagógica e nas aulas de Didáctica dos dois primeiros semestres deste mestrado. Procurei fazer uso das estratégias de ensino, das estruturas organizativas e das técnicas de intervenção pedagógicas, a saber: instrução, gestão, clima e disciplina.



Relativamente à estrutura da aula, esta é dividida em três partes bem distintas: inicial, fundamental e final.

Na parte inicial das aulas, tive o cuidado de apresentar os objectivos da aula e relacioná-los com as aulas anteriores, recorrendo quase sempre ao questionamento para me certificar se os alunos tinham aprendido a matéria já leccionada. Sempre que havia questionamento, os alunos já sabiam que primeiro eu fazia a pergunta e depois só podia responder aquele/a a quem eu perguntasse. No início, havia sempre aqueles alunos que queriam responder constantemente, mas depois de perceberem o funcionamento, colocavam o dedo no ar para responder. Esta regra funcionou muito bem. Depois de apresentada a tarefa, era feito o aquecimento que dividi em duas ou três partes. Quando era em duas partes, dividia-se por um lado, em aquecimento geral, através de corrida ou de jogos simples que implicassem corrida, e por outro, em mobilização das principais articulações a serem usadas na aula. Quando tinha uma terceira parte, esta consistia em aquecimento específico onde se trabalhava a técnica individual de forma dinâmica, individualmente, a pares, em pequenos grupos ou em formas jogadas.

A parte fundamental da aula é caracterizada por ser uma fase em que os conteúdos são aprofundados e trabalhados. A intensidade, complexidade e exigência física é maior. Esta última característica é, na minha opinião, a mais difícil de controlar para que a aula tenha uma intensidade de esforço físico elevada para todos os alunos.

Na parte final da aula, faz-se o retorno à calma, bem como, uma revisão da matéria dada e balanço da qualidade do empenho, terminando com a extensão de conteúdos para a aula seguinte.

3.3.1 - Intervenção pedagógica

3.3.1.1 - Instrução

A instrução é uma das dimensões da intervenção pedagógica. Refere-se aos comportamentos substantivos do professor, isto é, àqueles que têm a ver



com os objectivos de aprendizagem, verbais ou não verbais, tais como a prelecção, explicação, demonstração, *feedbacks*, etc.

Nesta perspectiva, penso que consegui sempre transmitir aos alunos, durante as instruções, as informações fundamentais acerca da matéria, tomando como referência, os objectivos e estruturando a comunicação de acordo com um esquema promotor de uma actividade cognitiva correcta e significativa para os alunos.

Procurei sempre: garantir a qualidade e pertinência das instruções; garantir que os períodos de instrução fossem curtos, isto é, que durassem o tempo mínimo necessário; planear de forma cuidada as demonstrações, seleccionando um bom modelo (eu, um aluno ou eu e um aluno); pensar a minha colocação aquando das instruções (no exterior, colocava-me de frente para o sol com os alunos de costas para o mesmo. No interior, colocava os alunos de costas para as outras turmas e eu colocava-me de forma visível para todos os alunos); estruturar as mensagens de forma correcta e ordenada; clarificar, sempre que necessário, os comportamentos de aprendizagem visados; certificar-me, em todas as instruções, de que os alunos tinham compreendido a mensagem; realizar a extensão e integração da matéria; não cometer imprecisões ou erros de instrução.

Sendo os *feedbacks* a reacção do professor à prestação dos alunos, e, conseqüente, a retroacção que o aluno recebe, penso ser esta uma das variáveis mais importantes no controlo da aprendizagem. Logo, este foi um dos pontos em que tentei, efectivamente, melhorar em todas as aulas e em que procurei estar o mais atento possível.

Como o ensino/aprendizagem é um processo supervisionado, o *feedback* é, então, um elemento para mim fundamental na aprendizagem motora. Como tal, quanto melhor, mais regular e de qualidade for a informação de retorno, maior será o sucesso dos nossos alunos.



Através do *feedback* tentei não só veicular informação objectiva, mas também adequada, traduzindo uma apreciação ou identificação correcta e concreta do movimento/comportamento efectuado pelo aluno, face ao erro ou ao sucesso. Desta forma, preocupei-me em variar o tipo de *feedbacks* (prescritivos, descritivos, auditivos, quinestésicos, visuais), dando-os individualmente, à turma ou ao grupo, numa perspectiva sempre construtiva, funcionando os mesmos como motivação para a prática. Procurei, sempre que possível, que toda a informação recebida pelos alunos desencadeasse neles vontade de saber mais, de progredir e acima de tudo de superar as dificuldades.

Na minha opinião, os *feedbacks* que utilizei foram positivos, pertinentes, variados, individualizados (tanto quanto possível) e colectivos (tanto quanto necessário). Tive também a constante preocupação em fechar os ciclos de *feedback* numa percentagem crescente, aula a aula.

A capacidade de poder acompanhar os alunos através do *feedback*, passou muito por um correcto posicionamento e circulação em cada aula, processo facilitado pela planeada organização do espaço de aula. Esta preocupação com o posicionamento e circulação na aula facilitou grandemente a percepção global da turma e garantiu um controlo eficaz das tarefas evitando situações de risco. Os *feedbacks* à distância foram também muito importantes para que os alunos sentissem que eu, mesmo ao longe, estava a controlar a aula.

Aquando da explicação da matéria, recorri muitas vezes à utilização dos alunos como agentes de ensino nas demonstrações (sempre que necessário), economizando os tempos de instrução. Utilizei, também, em algumas aulas, auxiliares de ensino (principalmente cartazes ilustrativos) que permitiram igualmente reduzir as perdas de tempo, dando aos alunos imagens e informações pertinentes em permanência.



3.3.1.2 - Gestão

Relativamente à gestão do tempo de aula, considero que não tive dificuldades. Como já referi, a turma cumpria, habitualmente, as indicações gerais de organização do espaço e das tarefas. As aulas foram sempre caracterizadas por um elevado tempo de empenhamento motor dos alunos. Esta situação teve como base o planeamento pensado e ponderado das aulas, variando os exercícios com transições rápidas e organização entre as tarefas, graças a rotinas criadas.

Logo na primeira aula, iniciei a aprendizagem de rotinas com o intuito de criar hábitos sistematizados de aula. Visava assim permitir transições rápidas entre tarefas/exercícios, rentabilizando desta forma o tempo de aula e reduzindo as probabilidades de existirem comportamentos desvio.

Nas diferentes modalidades estavam organizados grupos pré-definidos, sempre que necessário. Com esta estratégia não existiram praticamente períodos desnecessários de transição, melhorando a gestão do tempo e aumentando a duração efectiva de empenhamento motor.

Quanto à assiduidade, houve sempre controlo feito por contagem para não perder tempo, tarefa que foi também facilitada porque muito raramente um aluno faltou. Está no regulamento interno do colégio que os alunos devem estar prontos para o início da aula cinco minutos depois do toque de entrada e os alunos cumpriram sempre. Havia inclusive alunos que frequentemente vinham mais cedo e ajudavam a colocar o material para a aula antes desta começar. A hora de saída era cinco minutos antes do toque, nas aulas de quarenta e cinco minutos, e de dez minutos, nas aulas de noventa minutos, para que os alunos pudessem tratar da sua higiene pessoal.

3.3.1.3 - Clima e disciplina

O clima e a disciplina, são duas dimensões que estão interligadas e que estão presentes diariamente e em cada momento de aula, influenciando as restantes. Como tal, falarei das duas em paralelo.



O clima engloba os aspectos da intervenção pedagógica que se prendem com as interações pessoais (comunicação e factores de natureza afectiva), as relações humanas (relação professor/alunos, alunos/professor e alunos/alunos), ou seja, com a sociabilidade.

A disciplina diz respeito à diferenciação entre comportamentos apropriados e não apropriados nas aulas. No âmbito da disciplina, procurei que os alunos aprendessem a desenvolver a auto-confiança, auto-controlo, persistência, tolerância, e segurança no trabalho. Assim, pude observar nos alunos comportamentos de respeito comigo, enquanto professor, respeito pelos materiais, formas de interacção apropriadas e ainda formas de competição adequadas.

No que se refere a estas dimensões, não senti qualquer dificuldade, pois, logo na primeira aula foram estabelecidas regras de funcionamento e de conduta. Como já referi, à excepção de dois ou três alunos que tentaram, no início, desafiar a minha autoridade, a turma no geral foi, logo desde o princípio, cumpridora das regras de bom funcionamento da aula.

Sempre que se revelou necessário, foram promovidas regras de segurança e funcionamento da aula, definindo e destacando o que era e não era permitido fazer, estabelecendo assim um sistema de regulação dos alunos no contexto em que estávamos. Inclusivamente os alunos supracitados, em pouco tempo, começaram a cumprir as regras.

Penso que em todas as aulas, existiu um bom ambiente de trabalho, que facilitou muito a aprendizagem, uma vez que os alunos, na generalidade, manifestavam que gostavam muito das aulas. O facto de frequentemente eu valorizar o comportamento e empenho dos alunos ajudou na sua atitude.



3.4 - Avaliação

A Avaliação é um processo complexo, que recai necessariamente sobre comportamentos concretos relativos à consecução dos objectivos do processo de ensino/aprendizagem. A avaliação em educação física é principalmente uma avaliação de procedimentos, não tanto de saberes. O processo avaliativo tem de responder obrigatoriamente a seis questões fundamentais: porquê? (função social); para quê? (função pedagógica e efeitos); o quê? (objecto); como? (técnicas e instrumentos); quando? (momento(s)); quem? (agentes da avaliação).

Os processos de avaliação foram todos justificados, em consonância com os Documentos de Orientação Pedagógica (DOP), aprovados pelo Conselho Pedagógico do Colégio Dinis de Melo e por sugestão do Departamento de Educação Física, tendo sido estabelecidos os instrumentos, parâmetros, critérios de realização e condições de aplicação dos mesmos.

Passo agora a referir os Critérios Gerais de Avaliação que constam no DOP:

- Aquisição, Compreensão e Aplicação dos conhecimentos – 80%
- Participação e Interesse – 5%
- Métodos e Hábitos de Trabalho – 10%
- Atitudes e Valores – 5%

Os momentos de avaliação foram constantes desde a primeira à última aula. Começámos com a avaliação inicial com o objectivo de: verificar quais os conteúdos em que os alunos evidenciavam mais dificuldades; adoptar estratégias de diferenciação pedagógica; (re)definir objectivos; adequar o plano anual e unidades didácticas ao nível dos alunos; agrupar os alunos de acordo com o seu grau de proficiência.



A avaliação formativa foi feita em todas as aulas (como previsto no Despacho Normativo nº1/2005) e registada na respectiva reflexão de aula. Tinha como objectivos principais: fornecer informação sobre desenvolvimento das aprendizagens e competências; regular o processo ensino/aprendizagem; criar medidas de diferenciação pedagógica adequada às características dos alunos, às aprendizagens e às competências a desenvolver; permitir tomar medidas de carácter imediato; adaptar estratégias de ensino/aprendizagem.

A avaliação sumativa foi feita depois de ser consolidado um determinado conteúdo ou no final das unidades didácticas. Esta avaliação tem como objectivos formular um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e classificar o nível adquirido pelo aluno. O registo foi feito numa grelha de Excel, que se encontra na pasta de avaliação do dossier de estágio, e que contempla os conteúdos a avaliar em cada modalidade e os respectivos pesos. As diferentes avaliações foram depois introduzidas numa folha de cálculo do colégio (PD-26-B-Folha de cálculo 8A) que se encontra, igualmente, na pasta de avaliação do dossier de estágio.

3.5 - Componente ético-profissional

A dimensão ético-profissional é de extrema importância e é demonstrada em todas as acções do professor, seja em demonstração de conhecimentos gerais ou específicos, em situação de aula ou num simples contacto com outros professores, alunos, funcionários ou encarregados de educação.

Considero que possuo uma boa cultura geral e bons conhecimentos científicos, específicos da profissão docente e da Educação Física conseguindo mobilizá-los e relacioná-los de acordo com as situações. No entanto, considero que estes conhecimentos nunca são suficientes, pois nunca ninguém sabe tudo, e que a formação contínua é fundamental. Frequentemente faço pesquisas em livros técnicos e na Internet para procurar soluções para dúvidas que surgem. Regularmente frequento formações quer específicas da leccionação, quer do *Fitness*, ao qual também estou ligado.



Considero-me uma pessoa responsável e respeito os compromissos assumidos, tanto com o estágio como com o colégio, nomeadamente, no que se refere a prática lectiva, ao respeito pelo regulamento interno, à participação activa nos projectos e actividades do colégio, tanto a nível individual como em grupo.

No colégio onde trabalho, e no qual fiz o estágio pedagógico, uma das estratégias promovidas pela Direcção Pedagógica, e chave para o sucesso das actividades que são promovidas, é o trabalho em equipa. Este trabalho, tanto é realizado com colegas do Departamento de Educação Física como com colegas de outros departamentos. Sempre que necessário, consigo trabalhar em equipa participando activamente nas tarefas, sejam elas propostas por mim, ou por outros colegas e sempre de forma responsável e construtiva.

Relativamente aos alunos, empenho-me para que todos eles tenham acesso a um ensino adequado às suas reais necessidades, criando exercícios diferenciados, sempre que necessário, comprometendo-me com a sua aprendizagem. Os alunos sabem que sou exigente ao nível da assiduidade para a qual eu dou o exemplo, bem como ao nível do comportamento e da educação. Contudo, sabem também que estou disponível para os ajudar a resolver problemas dentro ou fora da aula.

Com alguma frequência, faço pesquisa em livros ou na Internet e converso com colegas de profissão para debater algumas ideias acerca de formas mais inovadoras para ensinar este ou aquele conteúdo, partilhando com eles algumas inovações experimentadas por mim e que surtiram efeito. Foi o caso, por exemplo, este ano, da utilização da pista de atletismo para os alunos praticarem a progressão com bola no *rugby*, que se revelou muito positiva e que foi adoptada por outros colegas.

Aceitei, com humildade, as críticas que me foram dirigidas, tanto pelo orientador como pelos colegas do núcleo de estágio, reflectindo e expondo o meu ponto de vista. Alterei a minha prática ou postura sempre que se concluiu que esta não era a mais correcta.



4 - Justificação das opções tomadas

As minhas opções de carácter organizativo-pedagógico tiveram como ponto de partida a avaliação inicial. Como já foi referido neste relatório, só depois de saber o nível de desempenho motor geral da turma, e de cada aluno em particular, nas diferentes modalidades referenciadas no programa nacional e adoptadas pelo Departamento de Educação Física, foi possível começar a tomar decisões. Depois de saber quantas aulas ia ter com cada turma em cada espaço, depois de feita a análise da grelha de rotação de espaços e tendo em conta a avaliação inicial, fiz a distribuição do número de aulas para cada unidade didáctica, assim como a distribuição cronológica das mesmas

Os principais critérios utilizados para distribuição das unidades didácticas, ao longo do ano lectivo, foram a distribuição equilibrada de modalidades desportivas colectivas e individuais. Foi igualmente utilizada a estratégia de emparelhamento de modalidades, como foi o caso, por exemplo, do andebol e futsal que foram agrupadas no segundo período. Para proceder a esse emparelhamento, tive em consideração as modalidades em que os alunos tivessem dificuldades semelhantes, quer técnicas quer tácticas, que fossem passíveis de ser leccionadas em paralelo, fazendo o *transfer* de uma para a outra. Uma das formas de emparelhamento utilizadas foram as aulas politemáticas para leccionar conteúdos semelhantes.

No caso da ginástica, optei por leccionar e avaliar a vertente de aparelhos no primeiro período e de solo, no segundo. Esta opção prendeu-se com o facto dos alunos terem demonstrado, na avaliação inicial, que tinham mais dificuldades no solo. Assim, tiveram mais aulas para treinar os elementos gímnicos de solo, visto que, em todas as aulas desta modalidade, havia estações para treinar solo.

No que se refere aos desportos colectivos, como também já foi referido no capítulo de planeamento, privilegiei o ensino das modalidades colectivas através de formas jogadas semelhantes à realidade do jogo, limitando os



exercícios analíticos. Estes foram utilizados para a iniciação das técnicas individuais e por vezes no aquecimento específico.

As opções respeitantes às estratégias adoptadas para cada modalidade estão já explicitadas no capítulo, Estratégias de Ensino Presentes no Plano de Aula, bem como a explicação da minha opção de privilegiar, de uma maneira geral, a utilização de grupos heterogéneos.

Relativamente às decisões de ajustamento durante o ano lectivo, foram poucos aqueles que tiveram de ser realizados no decorrer de cada aula, porém, sempre que foi necessário, executei correctamente as decisões de ajustamento consideradas pertinentes. Todas essas decisões de ajustamento se prenderam com a evolução dos alunos na própria aula ou com pontuais dificuldades dos mesmos. Assim, sempre que se revelou necessário, tomei imediatamente a atitude de adequar as progressões de aprendizagem à situação em causa. O caso mais flagrante de necessidade de criar progressões pedagógicas e adaptações durante as aulas foi na modalidade de ginástica.

5 - Conhecimentos adquiridos

Considero que os conhecimentos que adquiri este ano são o fruto da associação de várias matérias e experiências relacionadas entre si e postas em prática. Considero que depois de uma reflexão consciente, surge muitas vezes um novo conhecimento com utilidade prática. Quero com isto dizer que o simples conhecimento teórico posto em prática, sem que haja uma reflexão sobre a mesma, não tem o mesmo efeito evolutivo. Para que este processo seja mais completo é essencial que exista supervisão, debate e reflexão. Daí a importância de recebermos *feedbacks* da nossa prática.

Nestes dois anos de mestrado, os principais conhecimentos que adquiri prenderam-se com um enriquecimento e aprofundamento dos conhecimentos que já possuía pelo facto de já leccionar há catorze anos.



No respeitante à didáctica, considero que melhorei a minha prática pedagógica, principalmente ao nível do planeamento, do enriquecimento e do aprofundamento das estratégias de ensino e das técnicas de intervenção pedagógica. Estes três pontos estão indiscutivelmente relacionados. Ao estar mais sensibilizado para a importância de um planeamento estruturado e cuidado, foi com naturalidade, que melhorei a minha técnica de intervenção pedagógica, principalmente no que diz respeito à instrução e à gestão. Tentei manter os alunos, o maior tempo possível, empenhados de maneira apropriada no objectivo da aula ou da tarefa, perdendo o menor tempo possível em transições. Relativamente às estratégias, tive muito mais atenção no planeamento das aulas, escolhendo estratégias diferentes para alunos com desempenho motor diferente, principalmente no basquetebol, voleibol e ginástica.

Quanto à avaliação em Educação Física, possivelmente foi a área onde tive maiores momentos de pesquisa e reflexão. Avaliar é, na minha opinião, uma das tarefas mais complexas do processo de ensino/aprendizagem. A cadeira do segundo semestre, Avaliação Pedagógica em Educação Física, foi a cadeira onde considero ter aprendido mais, pela complexidade, diversidade e pertinência do tema e também por considerar que essa era uma lacuna da minha formação inicial.

6 - Avaliação de processos e produtos

Como já foi referido, a avaliação é um processo complexo, que, ao contrário do que pensa a maioria dos pais, alunos e outras pessoas em geral, não se resume à avaliação sumativa, esta de carácter principalmente classificadora e certificadora. O processo é muito mais complexo. A meu ver, o processo avaliativo tem como principal função dar informação permanente ao professor, e ao aluno, acerca das aprendizagens, permitindo planejar e reformular, se necessário, o processo de ensino/ aprendizagem.



Sempre com o objectivo de proporcionar o melhor ensino aos alunos, comecei por fazer a avaliação inicial ou de diagnóstico, a fim de verificar em que nível se encontravam em cada matéria e quais as principais dificuldades. Isto permitiu-me definir objectivos e adequar as planificações à turma.

Em todas as aulas, foi feita a avaliação formativa, para poder regular o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Este registo permitiu adoptar, de imediato, medidas de diferenciação pedagógicas adequadas às características dos alunos.

Estes dois tipos de avaliação anteriormente referidos permitiram criar e adaptar o processo de ensino/aprendizagem, proporcionando aos alunos exercícios com grau de exigência adaptado às suas capacidades motoras.

Para elaborar a grelha de avaliação sumativa foram escolhidos exercícios que os alunos já tinham executado nas aulas. Os exercícios analíticos serviram para avaliar a parte técnica das diferentes modalidades. Nos desportos colectivos, a avaliação das acções tácticas foram feitas através de jogo. Foram definidos os critérios de êxito para cada exercício e os alunos foram informados dos mesmos.

Uma das vertentes igualmente importantes da avaliação é a auto-avaliação que é feita pelos próprios alunos no final de cada período e que lhe permite reflectir sobre as suas aprendizagens. Ao professor permite-lhe ter uma noção mais clara da consciência que o aluno tem àcerca do seu desempenho. Para isso é importante clarificar desde o início quais os critérios de avaliação que irão ser utilizados durante o ano lectivo, o que é feito logo no primeiro dia de aulas.

Penso que o planeamento e organização que utilizei em todo o processo avaliativo, foi produtivo para a aprendizagem dos alunos, porque com a avaliação inicial detectei as suas dificuldades, podendo fazer um planeamento adequado para a turma. Através da avaliação formativa fiz os reajustamentos necessários na própria aula ou de uma aula para a outra, proporcionando



momentos de aprendizagem adequados ao nível dos alunos. A avaliação sumativa foi feita através de exercícios previamente treinados nas aulas, por forma a facilitar a concentração do aluno na execução técnico/táctica, evitando uma preocupação distractora na execução correcta de movimentações desconhecidos.

7 – Relação formação inicial / aprendizagens realizadas

Esta é apenas mais uma etapa muito importante da formação que está a terminar, porque a meu ver, para quem quer leccionar, a formação é como uma prova de ciclismo, etapas umas atrás das outras, mas, nunca nenhuma é a última.

No início deste estágio, a minha formação contemplava três factores, indissociáveis, e que influenciaram as minhas aprendizagens. A saber:

- a minha formação na Escola Superior de Educação de Leiria;
- a minha experiência profissional;
- os dois primeiros semestres deste mestrado.

A formação que tive na Escola Superior de Educação de Leiria, foi importante porque me proporcionou os conhecimentos científico-pedagógicos fundamentais para o início da minha caminhada enquanto professor de Educação Física.

A experiência profissional tem a importância de nos proporcionar a posta em prática do que aprendemos na teoria e que, muitas vezes, colocamos em causa quando estamos a estudar, porque não lhe vemos uma real utilidade, achando por vezes que é desadequado. Só no terreno é que compreendemos a importância dos pormenores e a complexidade do processo de ensino/aprendizagem.



Os dois primeiros semestres do mestrado tiveram a importância de, por um lado, servir de revisão e aprofundamento de alguns conteúdos, e por outro, proporcionar a aquisição de novos conhecimentos.

A associação dos três factores anteriormente referidos foram a chave da minha aprendizagem ao longo deste estágio pedagógico supervisionado. Considero que melhorei o meu desempenho, a vários níveis, enquanto docente:

- Ao nível do planeamento, considero que melhorei na forma reflexiva de encarar a importância das várias fases de planeamento, desde a planificação da avaliação inicial e do plano anual, à elaboração plano de aula passando pelas reformulações necessárias dependentes da avaliação formativa.
- Ao nível da realização, melhorei na aplicação das técnicas de intervenção pedagógica, nomeadamente no que diz respeito às dimensões. Preocupei-me ainda mais em manter os alunos empenhados de maneira apropriada no objectivo da aula durante uma percentagem elevada de tempo, sem ter de recorrer a técnicas coercivas, negativas ou punitivas.
- Ao nível da avaliação, aumentei a minha capacidade reflexiva acerca deste tema, que é um dos mais controversos e complexos do processo de ensino/aprendizagem. Relativamente à minha capacidade de pôr em prática um processo avaliativo, considero que melhorei tanto no que se refere ao planeamento como à construção de instrumentos práticos e fiáveis.
- Ao nível das estratégias, fiquei mais sensibilizado para a necessidade de criar exercícios com grau de dificuldade adequada ao nível do aluno e adoptei estratégias



diferenciadas, tendo em conta o desempenho motor de cada aluno.

- Ao nível do trabalho individual, fazendo pesquisa em livros e na Internet, analisando e reflectindo sobre determinados temas, para encontrar soluções para problemas que iam surgindo ao longo da prática pedagógica.
- Ao nível do trabalho em equipa, debatendo temas com os colegas, trabalhando em grupo para actividades do departamento, do estágio ou do colégio.

Por todos estes motivos considero que este estágio foi muito importante para o aprofundamento e alargamento dos meus conhecimentos relativos a todas as áreas inerentes ao processo de ensino/aprendizagem.

8 - Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Como já referi no capítulo “Avaliação de processos e produtos”, considero que o processo de avaliação que utilizei, serviu de base para poder proporcionar aos alunos momentos reais de aprendizagem, através do diagnóstico e da regulação do processo de ensino/aprendizagem. Adaptei, sempre que possível, as tarefas de forma a que elas fossem globais e ao mesmo tempo pudessem ter em conta as particularidades de cada aluno.

Através da informação recolhida na avaliação formativa, e tendo em conta que os alunos têm ritmos e tempos de aprendizagem diferentes, fiz pequenos ajustamentos e utilizei estratégias diferenciadas em algumas aulas para que os exercícios fossem adequados ao nível de desenvolvimento dos alunos. Apesar de privilegiar os grupos heterogéneos para as formas jogadas, nas situações analíticas por vezes optei por colocar os alunos em grupos homogéneos, para que pudessem executar um exercício com um grau de



dificuldade apropriado ao seu nível, obtendo sucesso, e, conseqüentemente, melhorando a sua confiança e motivação.

No que respeita à utilização de grupos homogêneos, esta estratégia foi utilizada principalmente no voleibol. Na minha opinião, esta modalidade é, dentro dos desportos colectivos, a mais difícil ao nível da técnica individual e aquela que apresenta maior heterogeneidade em termos de nível dos alunos do ensino básico. Então, considero mais proveitoso para um aluno que não sabe executar passe e/ou manchete, que esteja a fazer trabalho individual ou a pares e, para o aluno que já domina minimamente essas técnicas, estar a fazer jogo 2x2 ou 4x4, onde pode evoluir não só na parte técnica mas também na parte táctica. Assim, ambos os alunos têm oportunidade de evoluir.

Tendo em conta os diferentes níveis de desenvolvimento dos alunos, em algumas tarefas, defini variantes de facilidade e dificuldade, para que mais uma vez os alunos estivessem a trabalhar em exercícios com grau de dificuldade adequada ao seu desempenho motor.

Relativamente aos desportos colectivos, e para além do que já referi relativamente ao voleibol, fiz várias adaptações das regras para dar oportunidades idênticas a todos os alunos e aumentar o empenho de todos. No andebol e no futsal, por vezes, era obrigatório que a bola passasse por todos os jogadores e os golos das raparigas contavam a dobrar. Outras vezes, limitei o drible no andebol e no basquetebol e o número de toques consecutivos dados na bola, no futsal.

Noutras situações foram utilizados “estilos de ensino” diferentes de forma a proporcionar aos alunos momentos de aprendizagem diferentes. Uma vez com o objectivo de fornecer *feedbacks* imediatos (avaliação recíproca), outras vezes o objectivo de motivar o aluno através de exercícios que lhe proporcionam o sucesso na tarefa (estilo inclusivo).

A utilização de alguns alunos como agentes de ensino, tanto na demonstração de exercícios, como em funções de tutoria, foi benéfica no



acompanhamento mais individualizado aos alunos com maiores dificuldades. Esta estratégia foi utilizada, principalmente, nas modalidades de Basquetebol e Atletismo, visto existirem alguns alunos federados nestas modalidades e com sentido de responsabilidade.

Considero que através de exercícios e estratégias diferenciadas, proporcionei aos alunos, ao longo de todo o ano lectivo, condições apropriadas para a sua evolução, demonstrando a minha preocupação e o meu compromisso com as aprendizagens dos alunos.

9 - Importância do trabalho individual e de grupo

O trabalho individual, centrou-se principalmente em leituras e pesquisas acerca de temas relacionados com a leccionação, planeamento por período, adaptação das unidades didácticas à turma, execução dos planos de aula e reflexões individuais. O trabalho individual é fundamental e muito importante. Por um lado, para aumentar os conhecimentos teóricos, abrindo os horizontes pessoais, permitindo ao professor ter mais argumentos para debater e proporcionando-lhe meios para reflectir sobre variados temas. Por outro lado, permite ao professor desempenhar um trabalho mais consistente, inovador e actualizado. Todo este conhecimento adquirido através de trabalho individual, deve ser enriquecido com partilha de informação, discussão e reflexão com outros colegas.

A observação inter-estagiários, é na minha opinião, um misto de trabalho individual e de grupo. Esta tarefa foi muito importante para a melhoria constante da minha leccionação, tanto na função de observador como na de observado. No papel de observador, ao centrar-me nas técnicas de intervenção pedagógica, com o intuito de preencher a grelha de observação e elaborar o relatório, aproveitava os pontos positivos e evitava os menos positivos, fazendo o *transfer* para a minha prática pedagógica. Enquanto observado, era importante ter o *feedback* de tudo o que fazia porque, por vezes, existem



pequenas falhas ao nível da intervenção pedagógica das quais não nos apercebemos e que, com o *feedback* dos colegas, são passíveis de um melhoramento futuro. Após cada aula, vinha a parte de trabalho em grupo, onde eu, o colega estagiário, observador ou observado, e o Orientador, analisávamos de forma crítica e reflexiva o trabalho realizado na aula.

O trabalho de grupo é extremamente rico, porque permite partilhar informação e trabalhar no sentido de atingir o mesmo objectivo. Obriga-nos a estar devidamente documentados para podermos dar o nosso contributo e defendermos os nossos pontos de vista de forma sustentada com suporte científico.

10 - Capacidade de iniciativa e responsabilidade

Tanto na minha vida pessoal como profissional, todos os meus actos são conduzidos pelos valores que me foram transmitidos na escola mas principalmente no âmbito familiar. Assumi todas as minhas responsabilidades, tanto ao nível do estágio, cumprindo o melhor que sabia e tentando inovar na minha prática pedagógica, como em todos os projectos e tarefas em que estive envolvido. Dei sempre o meu contributo com ideias novas e propostas de possíveis soluções para problemas que foram aparecendo.

Estive sempre empenhado e tentei pôr a minha criatividade tanto em tarefas individuais como em projectos de grupo, expondo as minhas ideias, discutindo, ouvindo as opiniões dos outros e reflectindo de forma a contribuir, de forma responsável, para o sucesso de todos os projectos em que estive envolvido.



11 - Dificuldades sentidas e formas de resolução

A maior dificuldade que senti foi ao nível da avaliação. Penso que este é, sem dúvida, o procedimento mais complexo e susceptível de falhas de todo o processo de ensino/aprendizagem. Para ultrapassar estas dificuldades socorri-me de pesquisas em apontamentos e documentos da cadeira do segundo semestre “Avaliação Pedagógica em Educação Física”, do apoio do orientador e do enorme trabalho do grupo de estágio.

Outra dificuldade que senti inicialmente, estava relacionada com o planeamento, no que diz respeito à selecção de objectivos. A este respeito, reconheço ter sido por vezes muito ambicioso, seleccionando objectivos a mais. Após a observação feita pela professora orientadora da faculdade, Dr^a Elsa Silva, comecei a definir mais claramente os comportamentos que pretendia observar, tendo a preocupação de que fossem exequíveis para aquela aula em particular. Penso que depois desta observação os meus planos melhoraram, ficando mais claros e simples.

Conseguir criar exercícios e adaptá-los aos diferentes níveis foi uma dificuldade e, ao mesmo tempo, um desafio, tendo-me obrigado a fazer pesquisa, reflectir e dialogar com os colegas e orientador a fim de procurar a melhor solução para os diferentes casos e situações. A prova de que esta competência se desenvolve com a prática é que, com o passar das semanas de estágio, ficou cada vez ficou mais fácil modificar e desmontar exercícios adaptando-os a diferentes níveis.

O *rugby* era uma modalidade na qual não me sentia completamente à vontade, então optei por fazer a formação de *Tag-Rugby*, promovida pela APPEFIS. Esta formação foi muito produtiva, pois foram-nos explicitadas estratégias muito pertinentes e inovadoras para a iniciação do ensino do *rugby* nas escolas.



12 - Dificuldades a resolver no futuro

O ensino é, indubitavelmente, um processo em constante modificação e evolução, em que há uma constante remodelação de metodologias. As nossas dificuldades podem ser maiores ou menores dependendo da nossa resistência e/ou adaptação às mudanças, impostas quer pelo Ministério de Educação, sociedade ou pela própria comunidade educativa.

As dificuldades que certamente vão surgir no futuro terão de ser resolvidas através de investigação e formação contínua para acompanhar de perto as modificações no ensino, tanto num âmbito mais geral, ao nível das novas tecnologias, metodologias e legislação, como no âmbito mais específico da educação física.

13 - Inovação nas práticas pedagógicas

Considero que o processo ensino/aprendizagem está em constante modificação e evolução. Reitero a importância da formação contínua e da nossa abertura para modificarmos procedimentos que temos adquiridos. Só experimentando novas metodologias saberemos se são eficazes. É fundamental ter uma abertura e um conhecimento científico que nos permita testar, analisar e reflectir sobre novas maneiras de ensinar, que nos permita utilizá-las e/ou adaptá-las. Quando faço uma formação há sempre algo de novo que posso utilizar ou adaptar às minhas aulas, inovando assim a minha prática pedagógica. A experiência mais recente que tive neste domínio foi na modalidade de *rugby*, em que apliquei e adaptei um exercício abordado na acção de formação. Com as adaptações que fiz ao exercício original, a aprendizagem dos deslocamentos ficou bastante mais facilitada para os alunos.



14 - Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

Não se pode separar o estágio da escola onde este se desenrola. O dinamismo do núcleo de estágio ao qual pertenço não passou despercebido à comunidade escolar, não só pelas actividades de diferentes departamentos em que participámos, mas sobretudo pelas actividades desenvolvidas no âmbito da disciplina de Projectos e Parcerias Educativas.

O impacto das nossas actividades, principalmente do projecto “Megás” e do “*School Fitness*”, não foi sentido unicamente pelos alunos, mas por toda a comunidade escolar.

O projecto “Megás”, proporcionou à grande maioria dos cerca de trezentos alunos participantes, a possibilidade de competirem na pista de tartan do estádio Dr. Magalhães Pessoa em Leiria, onde já se realizaram dois campeonatos europeus de atletismo. Este dia foi marcante tanto para estes alunos como para os pais, encarregados de educação e familiares, que se deslocaram ao estádio para verem os seus meninos competirem. No entanto, a festa do atletismo não se ficou pelo estádio, continuando com a entrega de prémios aos três primeiros classificados masculinos e femininos de cada prova, onde todos foram presenteados com as exibições fantásticas dos grupo/equipa de ginástica de trampolins e dança Hip-Hop, de Desporto Escolar.

A actividade “*School Fitness*”, que também fez parte da cadeira de Projectos de Parcerias Educativas, envolveu o impressionante número de mil e cem participantes. Entre estes destacamos: membros da organização (professores de todos os departamentos, funcionários, alunos do ensino secundário, grupo de teatro e amigos e familiares dos professores estagiários); expositores da feira da convenção (onde entre outras, se encontravam representadas empresas de pais de alunos do colégio que aderiram ao evento); professores convidados para dar aulas na convenção (onde também estava um instrutor de *Spinning*, pai de dois alunos do colégio); participantes na convenção; bailarinos pertencentes às equipas que participaram no campeonato de dança “*School Fitness*”. Esta foi, sem dúvida, a actividade com



maior impacto realizada no colégio, não só este ano mas, arrisco-me a dizer, nos seus dezoito anos de história.

É de salientar a atitude voluntária que os estagiários demonstraram ao longo de todo ano, participando activamente, com entusiasmo e empenho em diferentes actividades desenvolvidas por vários departamentos e em projectos dinamizados pelo núcleo. É inegável o impacto positivo do estágio no Colégio Dinis de Melo.

15 - Questões dilemáticas

Há questões que me preocupam e para as quais não encontro respostas: que educação e valores estamos a transmitir às nossas crianças e jovens?; de quem é a culpa pela falta de educação demonstrada pelos jovens?. Estas perguntas não têm uma única resposta. Há a opinião de pais e encarregados de educação, de professores e de quem não é nem uma coisa nem outra. Todos eles têm opiniões próprias, geralmente de acordo com a sua conveniência. A minha opinião de pai e professor é que a base da transmissão de valores e educação deve começar em casa. Acho que a maioria dos pais, actualmente, tenta compensar a falta de tempo para dedicar aos filhos comprando-lhes bens materiais que estes desejam, relegando a árdua tarefa de educar para a escola. Como já tinha referido esta é apenas uma opinião, a minha, entre muitas, daí o meu dilema: será que estou certo?

Relativamente à prática pedagógica em Educação Física, existem alguns dilemas que se prendem com pontos de vista diferentes sobre estratégias de aula, por exemplo. Nem sempre é fácil decidir que um é mais correcto que o outro. Referirei dois exemplos de estratégias que geram alguma controvérsia. Primeiro, vantagem ou não da utilização de aulas politemáticas. Segundo, vantagem ou não da utilização de formas jogadas para o ensino e prática de técnicas individuais. Na minha opinião, não devemos adoptar posturas radicais. Dependendo da situação, do contexto, dos alunos e de todas



as variáveis em jogo, devemos adaptar a melhor estratégia, mantendo uma perspectiva mais eclética.

16 - Necessidade de formação contínua

“Quem deixar de aprender deve deixar de ensinar” (Lima, Teotónio, 2009)³.

Todas as actividades profissionais exigem formação adequada, mas considero que os profissionais de saúde, das novas tecnologias e da educação são, em geral, os que mais precisam de formação contínua.

Pessoalmente, considero que todos necessitamos de formação e, regularmente, frequento formações quer específicas da didáctica, quer do *Fitness*, ao qual também estou ligado.

Este ano, frequentei a acção de *Tag-Rugby* promovida pela APPEFIS (Associação Portuguesa de Professores de Educação Física), visto ter sido a área em que senti mais urgência em procurar formação credível.

A próxima acção que farei, e que está agendada para o final de Setembro, está relacionada com as novas tecnologias da informação e comunicação, mais especificamente, com a Plataforma Moodle. Esta plataforma está implantada no colégio e considero ser um instrumento valioso para trabalhar com os alunos.

³ <http://www.viverparasempre.blogspot.com/2008/07/mestre-teotnio-lima.html>
[acedido em 11 de Junho de 2010]



Ainda relacionado com as novas tecnologias, e tendo em conta que o colégio onde lecciono está a ser equipado com quadros multimédia interactivos (QMI), pretendo, com alguma urgência, conseguir formação neste âmbito.

Relativamente a formações específicas de Educação Física, como sou associado da APPEFIS, estou constantemente a receber informação sobre as formações e costumo fazer duas por ano.

17 - Experiência pessoal e profissional do ano de estágio

Durante este ano lectivo, vivi experiências extremamente enriquecedoras, quer a nível pessoal, quer profissional.

No que se refere à minha experiência profissional neste ano, não posso dissociar o facto de para além de ter a turma de estágio, ter igualmente outras turmas, que formavam um horário completo. Estas duas tarefas exigiram de mim um esforço muito grande, mas a minha vontade de melhorar e fazer bem, levaram-me a superar essas dificuldades. No início do estágio, estava um pouco apreensivo, por, após catorze anos de serviço docente, ir voltar a ser professor estagiário, a ser observado e avaliado pelo meu desempenho. Enquanto profissional e estagiário penso que o estágio supervisionado, tem a grande vantagem de nos proporcionar uma prática pedagógica com *feedback* constante, permitindo-nos melhorar a cada dia que passa. Depois daquela fase inicial um pouco estranha, foi com motivação e entusiasmo que aproveitei ao máximo esta oportunidade de melhoria.

A nível pessoal, quero salientar os laços de amizade com os meus colegas de grupo de estágio, que foram fortalecidos. O trabalho em equipa nem sempre foi fácil, porque as ideias não iam sempre na mesma direcção, mas penso que essa foi a grande riqueza do nosso trabalho. Quando foi necessário discutimos, colocámos as nossas ideias na mesa, debatemos e fizemos as cedências necessárias para que tudo corresse pelo melhor. O espírito de entreatajuda foi fantástico. Apesar de alguns de nós já termos família, este



projecto nunca ficou para trás. Houve cedências e compreensão de todas as partes. Com muitos sacrifícios tudo se fez, e, na minha opinião, com qualidade.

Fiquei também sensibilizado com a preocupação e interesse demonstrado pelos colegas do colégio relativamente ao estágio e com o precioso apoio e participação de colegas e alunos do ensino secundário no projecto de parcerias educativas, *School Fitness*, que envolveu mais de um milhar de pessoas entre organização e participantes.



18 - Conclusão

Este foi um ano extraordinariamente importante para mim. Representou um passo mais, de extrema relevância, na minha formação, uma vez que acredito que a formação deve ser contínua e progressiva.

Todo o trabalho realizado nestes dois anos contribuiu para melhorar a minha capacidade de investigação, de pesquisa, de reflexão crítica, de adaptação, de criatividade e de trabalho em equipa.

Penso que o resultado do meu trabalho, no futuro, vai ser muito mais consistente e que vou poder dar o meu contributo para fomentar o gosto dos meus alunos pela actividade física, fazendo com que cada vez mais jovens pratiquem desporto com prazer.

Como já tive hipótese de referir anteriormente, no que diz respeito ao planeamento e leccionação, considero que a prática lectiva correu muito bem, apesar de muito trabalhosa. Contudo, quando estamos perto da meta, quando olhamos para trás e vemos o que aprendemos durante esse longo percurso, concluímos que valeu a pena o esforço.



19 - Referências bibliográficas

PIRES, Gustavo (1995), Planeamento e Gestão de Projectos, Edições FMH.

Matos, Rui (2006), Vamos Falar de Desporto, Folheto Edições e Design.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001) - “Programa de Educação Física, Plano de Organização do Ensino - Aprendizagem”, Volume II- Ensino Básico (3º ciclo). Direcção dos Ensinos Básico e Secundário.

Webgrafia:

<http://www.viverparasempre.blogspot.com/2008/07/mestre-teotnio-lima.html>

[acedido em 11 de Junho de 2010]